

## **BIBLIOGRAFIA**

KUNZ DITTMER: *Allgemeine Völkerkunde: Formen und Entwicklung der Kultur*. 314 págs. e numerosas ilustr. e pranchas. Friedr. Vieweg & Sohn. Braunschweig, 1954.

Formas e desenvolvimento da cultura são os dois pontos a que o autor consagra maior atenção. Precedem, como preparação, os capítulos "História, fins e método da etnologia" (págs. 4-19) e "Fôrças determinantes da vida étnica" (págs. 20-35).

O desenvolvimento da cultura, ao qual Dittmer dedica quase a metade do livro (págs. 136-277), realiza-se em três graus, que, partindo da cultura dos coletores e passando pela dos lavradores, chegam à cultura dos pastôres e daí aos agricultores de arado e às altas-culturas. Ao estudo de cada um dêstes graus se acrescentam algumas considerações sôbre as particularidades do desenvolvimento cultural do Novo Mundo.

Falando sôbre formas de religião e de matrimônio, Dittmer se mostra francamente contrário ao apriorismo evolucionista. O único método capaz de levar-nos a conhecimentos completos e profundos de elementos e relações culturais é, segundo êle, o método histórico. Não chegaremos, por exemplo, a um conhecimento perfeito da nossa civilização sem estudo prévio das antigas altas-culturas em que ela se apoia e que, por sua vez, se baseiam nas culturas dos povos mais primitivos.

Tal posição do autor se caracteriza pela critica ao método funcionalista que, embora proporcione conhecimentos preciosos — e até minuciosos — das formas atuais, dos processos históricos de pouca duração e das fôrças neles atuantes, não é, contudo, capaz de nos fazer compreender processos históricos de maior duração. Nem mesmo para o conhecimento da configuração e das funções da cultura pode-se prescindir de pesquisas históricas. Apesar desta posição favorável, Dittmer reserva-se o direito de criticar muitos resultados da escola histórico-cultural, que, segundo êle, poderia e deveria ser aperfeiçoada.

Merece destaque especial o capítulo sôbre o desenvolvimento da cultura, pois apresenta os resultados das pesquisas mais recentes, afirmando, entre outras coisas, que os caçadores não constituem um grau cultural próprio, mas devem ser classificados quer entre os coletores, quer entre os lavradores, e, ainda, que as culturas dos pastôres não começaram com a domesticação da rena e do cavalo, mas sim dos bovinos.

O capítulo "Desenvolvimento da cultura" é precedido de uma exposição das formas culturais. Trata de economia, sociologia, religião e arte. Encontram-se aí muitas idéias novas, conexões surpreendentes, interpretações originais, perspectivas e pontos de vista até agora pouco considerados, que tornam a leitura proveitosa, embora não fascinante, devido ao estilo um tanto pesado. Vêzes há em que o leitor é levado a tomar posição contrária, devido a generalizações infundadas decorrentes de explicações psicologistas contrárias às pesquisas históricas, e de teorias controversas, mas apresentadas de forma categórica.

Muitas dessas falhas se explicam, segundo o próprio autor, pelo fato de não serem cabíveis num manual explicações mais pormenorizadas. Contudo, esta desculpa não justifica tôdas as deficiências, como p. ex. o capítulo sôbre o ser supremo (págs. 98-106).

O autor concede sem restrições que nas culturas consideradas as mais antigas — e nestas muitas vêzes de modo pronunciado — se encontra a idéia de um ser supremo e pessoal, autor do mundo, e como tal todo-poderoso, onisciente e eterno, conservador de suas criaturas. De todos êstes fatos, contudo, não se poderia, em sua opinião, induzir um monoteísmo primitivo, idéia esta já tantas vêzes refutada. Não se poderia falar dum deus verdadeiro, muito menos dum deus único, pois, a seu lado, existem outros poderes superiores, aos quais se presta culto maior do que ao próprio ser supremo. Êste não sômente não seria algo sobrenatural, mas algo fictício, tendo sua origem na tendência do homem de personificar, ou seja na crença duma fôrça impessoal e mágica aliada à veneração prestada a salvadores, heróis civilizadores e aos antepassados. O autor encerra o capítulo com a conclusão categórica de que o verdadeiro monoteísmo é um fenômeno único, isolado e recente, que não encontra paralelo no monoteísmo das culturas antigas.

Frases como essas não desmentem sua origem. Autores como Schmidt, Gusinde, Schebesta, Koppers e muitos outros, que dedicaram a vida tôda a tais problemas, parecem ser ignorados. Dittmer apresenta suas idéias sem a menor preocupação de provas, enquanto o Pe. Schmidt, defendendo a tese de que o monoteísmo é a primeira de tôdas as formas religiosas, desenvolve esforço leal para dar às suas idéias fundamentação sólida, o que, aliás, os seus próprios adversários reconhecem. Embora o monoteísmo primitivo possa talvez ser posto em dúvida, contudo, em face do material publicado e colocado ao alcance de todos, não se pode negar que já entre povos considerados os mais antigos se tenha registrado verdadeiro monoteísmo. (*Paul Schebesta: Das Problem des Urmonotheismus. Kritik einer Kritik. Anthropos, 1954, vol. 49, fasc. 3-4, págs. 689-697*).

Poderia ser mencionada ainda uma ou outra inconseqüência e incorreção. Exige o autor que o etnólogo, antes de mais nada, seja capaz de compreender o fenômeno do ser alheio. Entretanto, êle próprio se esquece de tal exigência ao emitir seu juízo sobre a Idade Média cristã e ao comparar idéias medievais com antigas (pág. 5). Ademais parece-me incorreta a sua atitude ao apresentar teorias antropológicas hipotéticas e controvertidas como certas e provadas (pág. 144 e notas 34 e 40).

O crítico, a quem cabe o papel do "advocatus diaboli", não deixará, contudo, de reconhecer que, apesar das deficiências apontadas, o livro de Dittmer é obra de excepcional valor. Poucos são os manuais de etnologia que li com tanto interêsse, já que apresenta sugestões ricas, tanto aos leigos interessados em etnologia como aos próprios especialistas. As excelentes e bem selecionadas ilustrações facilitam a compreensão do mundo estranho que o livro revela.

*Pe. Guilherme Saake*

CHARLES P. LOOMIS *et al.* (ed.). *Turrialba. Social Systems and the Introduction of Change*. 288 págs., ilustr. The Free Press. Glencoe, 1953. (Preço: US\$ 3,50.)

Trata-se duma pesquisa interdisciplinar empreendida por uma equipe de dezesseis cientistas, em sua maioria sociólogos e antropólogos, de